

21-06-2023

WILSON**Fabritzio Fävasch Rodriguez**[Ativista Social e Sindical. Observatório
do trabalho latino-americano]

Tenho um grande amigo que vejo pouco. Não sei se isso só se passa comigo, mas meus grandes amigos são os que eu vejo pouco. E alguns se foram sem que eu pudesse vê-los. A distância e a pouquice de ver são preservações da grandeza do reencontro. Todo encontro com um grande amigo distante é um reencontro consigo mesmo e com a distância que existe dentro de você, entre você e você mesmo. Todo reencontro com um grande amigo é um (re)encontro com sua própria história e com o espelho que anuncia sua cara na cara do outro (o amigo). A expectativa do antes e a consumação do durante são os paliativos curativos do depois.

Juan Rodrigo de La Peña é um desses. Nós nos conhecemos ainda bem que não me lembro quando pois para mim é desde sempre. Eu gostaria muito de ter tido alguma desavença com ele. Quando somos crianças e depois jovens e depois adultos e depois quase velhos parece que a discórdia endurece a argamassa que une a verdadeira amizade.

Porém, no nosso caso, a nenhuma diferença entre nós contradiz a frase anterior. Sempre sobrou reciprocidade incondicional na matéria prima da alvenaria que moldou a nossa arquitetura. Juan Rodrigo de La Peña é das criaturas reais, palpáveis, abraçáveis e beijáveis mais inteligentes e delicadas que atravessaram a minha rua. O que significa que Ele não parece alguém com cara de perfeito. Nessa noite calma e solitária em que retomo Juan Rodrigo de La Peña não estou por aqui açoitando o papel e esganando a caneta para falar dEle. Estou aqui para falar de Wilson.

No menos tempo que tive para desfrutar de Juan Rodrigo de La Peña eu me questionava por que, sendo um servo dócil das palavras, Ele, desde engatinhando, dizia convicto: “quando eu for veterinário”.

Essa sentença, com pequeninas variações, determinante de seu futuro, servia para tudo. Inclusive, para nada, quando, entre nós, surgia sabe-se lá de onde, o silêncio. Nos vemos a cada dois anos, ou mais ou menos, jamais contabilizamos. Não é proposital. É a artimanha não contábil e casual provocada pela versão carnal de nossas saudades. Minha vida quase peregrina me afasta, vai que vem, de amigos e, claro, também, de inimigos, mas eu precisava estar aqui, agora, para falar de Wilson.

Nos últimos dois meses, a Colômbia esteve na mídia internacional.

Eu que acompanho o cenário brasileiro (meu segundo país), observei o quanto o acidente aéreo colombiano que deixou quatro crianças desaparecidas ocupou grande parte do noticiário. No dia 1º de maio (Dia do Trabalho, sempre trazendo novidades) o monomotor Cessna 206 decolou de madrugada de Araracuara, na Amazônia colombiana, com sete pessoas, com destino a San Jose del Guaviare. Das sete pessoas quatro eram crianças. Após uma falha no motor, a aeronave desapareceu dos radares. Manuel, o pai das crianças que estavam no avião, alega que era um fugitivo de uma dissidência das FARC [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia]: a Frente Carolina Ramírez.

Conhecedor da floresta, Manuel temia por suas crianças após ameaças. Fugiu e aguardava pela família em San Jose del Guaviare para, de lá, refugiar-se em Bogotá. A família, indígena, da etnia Mucuty, era composta por Magdalena (a mãe) e as quatro crianças (Lesly, de 13, Soleiny, de 9, Tien, de 4, e Cristin, de 1 ano). Magdalena, o piloto e uma liderança indígena que os acompanhava morreram. E as crianças desapareceram. O país então se mobilizou. Gustavo Petro, o presidente colombiano, o mesmo que nem sempre costuma se preocupar com as crianças da Colômbia e da América Latina, ocupou a mídia nacional e internacional. Após alguns mal-entendidos sobre a sobrevivência ou não das crianças, as buscas se intensificaram. Enfim, o presidente e a população se preocuparam com os indígenas e com as crianças.

Como seria bom que não fosse preciso acidentes de avião para que isso fosse a regra. Foi muito emocionante ver a mobilização das Forças da Aeronáutica e do Exército (Forças Especiais) na busca das crianças. Como seria bom se as Forças Armadas buscassem as crianças perdidas na floresta da miséria e da fome. Auxiliadas por mais de 80 comunidades indígenas e incontáveis voluntários, surge Wilson. O pastor belga, farejador das Forças Armadas, de seis anos de idade, foi o protagonista do encontro com as crianças perdidas na selva. E, até agora, no momento em que escrevo essa história verdadeira, ele está desaparecido. Onde estará Wilson? Será que deu por sua missão como cumprida? Será que achou que a alegria de salvar quatro crianças não é capaz de provocar as pessoas e os governos para salvarem todas as crianças e todas as etnias indígenas? Será que late, rosna ou choraminga? Onde anda Wilson?

Será que naquela empreitada tão bem sucedida, um cão, como ele, desprovido de humanidade seria suficiente para devolver a humanidade aos humanos? Enquanto eu pensava nessas coisas meu telefone tocou um toque diferente. Eu soube, pelo timbre e pela sensação que tive, quem estava do outro lado àquela hora da noite. Bateu-me a sentença: “quando eu for veterinário”. Juan Rodrigo de La Peña falou quase sussurrando: *Conheço Wilson. Conversei muito com ele, isso tem uns três anos, ele já estava bem sabido e destemido, mas notei que ele não tinha muita afinidade com crianças. Sabe como é, esses cães são mais treinados para farejar drogas e assassinatos. Lembro que eu disse a ele: preste atenção nas crianças. Wilson, faça o que os governos não fazem. Preste atenção nas crianças. Cuide delas. Deixe que elas te toquem, trate-as com carinho. Preste atenção nas crianças. Na última vez que vi Wilson, enquanto eu o acariciava e sussurrava em seu ouvido, uma moça passou por nós com um carrinho de bebê. Wilson se afastou de mim e foi até o carrinho. Quando a moça, um pouco assustada apressou o passo eu só consegui ver a mãozinha do bebê na cabeça de Wilson. Eu acho que estou muito pretencioso. Talvez eu esteja me espelhando em você - meu pretencioso predileto -, mas eu acho que o Wilson só vai aparecer quando eu for buscá-lo. Se ele aparecer antes não conte pra ninguém que eu te disse isso e se ele não aparecer mais é porque eu não fui buscá-lo. E isso também não conte pra ninguém. Você, meu camarada, é uma espécie de Wilson pra mim. Amo você.*

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.